

N.º 465

JULIO DE MATTOS

PATHOGENIA
DAS
HALLUCINAÇÕES

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA

À ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

PORTO
IMPRENSA COMMERCIAL
Rua dos Lavadouros, 16

1880

2711 ENC



ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

O ILL.^{mo} E EX.^{mo} SNR. CONSELHEIRO, MANOEL MARIA DA COSTA LEITE

SECRETARIO

O ILL.^{mo} E EX.^{mo} SNR. URBINO DE FREITAS

CORPO CATHEDRATICO

LENTES CATHEDRATICOS

OS ILL.^{mos} E EX.^{mos} SNRS.

1. ^a Cadeira—Anatomia descriptiva e geral	João Pereira Dias Lebre.
2. ^a Cadeira—Physiologia.....	Antonio d'Azevedo Maia.
3. ^a Cadeira—Historia natural dos medicamentos. Materia medica.....	Dr. José Carlos Lopes.
4. ^a Cadeira — Pathologia externa e therapeutica externa.....	Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
5. ^a Cadeira—Medicina operatoria....	Pedro Augusto Dias.
6. ^a Cadeira — Partos, molestias das mulheres de parto e dos recém-nascidos.....	Dr. Agostinho Antonio do Souto.
7. ^a Cadeira — Pathologia interna — Therapeutica interna.....	Antonio d'Oliveira Monteiro.
8. ^a Cadeira — Clinica medica.....	Manoel Rodrigues da Silva Pinto.
9. ^a Cadeira—Clinica cirurgica.....	Eduardo Pereira Pimenta.
10. ^a Cadeira—Anatomia pathologica..	Manoel de Jesus Antunes Lemos.
11. ^a Cadeira—Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia geral	Dr. José F. Ayres de Gouveia Osorio.
12. ^a Cadeira — Pathologia geral, semiologia e historia medica.....	Illidio Ayres Pereira do Valle.
Pharmacia	Vaga.

LENTES JUBILADOS

Secção medica.....	{ Dr. José Pereira Reis.
	{ Dr. Francisco Velloso da Cruz.
	{ José d'Andrade Gramaxo.
	{ João Xavier d'Oliveira Barros.
Secção cirurgica.....	{ Antonio Bernardino d'Almeida.
	{ Luiz Pereira da Fonseca.
	{ Conselheiro, Manoel M. da Costa Leite.

LENTES SUBSTITUTOS

Secção medica.....	{ Vicente Urbino de Freitas.
	{ Miguel Arthur da Costa Santos.
Secção cirurgica.....	{ Augusto Henrique d'Almeida Brandão.
	{ Ricardo d'Almeida Jorge.

LENTE DEMONSTRADOR

Secção cirurgica.....	Candido Augusto Corrêa de Pinho.
-----------------------	----------------------------------

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escola, de 23 d'abril de 1840, art. 155).

A MINHA MÃE

E

A MEUS TIOS

JOÃO XAVIER DE OLIVEIRA BARROS

E

JULIO XAVIER DE OLIVEIRA BARROS

Devo-lhes tudo: recursos economicos sem os quaes a minha formatura teria sido impossivel, incitamentos e conselhos bons todas as vezes que d'elles careci na minha carreira scientifica. Offerecer-lhes este livro é um dever indeclinavel de gratidão.

AO MEU PRESIDENTE

O Exc.^{mo} SNR. DR. JOSÉ CARLOS LOPES

Permitta-me V. Exc.^a que, dedicando-lhe este trabalho, eu afirme publicamente o respeito que me merecem as altas qualidades intellectuaes de V. Exc.^a e o reconhecimento que devo á benevolente amizade com que V. Exc.^a me tem honrado sempre.

Conduzido pela natureza dos meus estudos habituaes simultaneamente para os dominios da psychologia e da medecina, encontrei nas hallucinações um ponto mais do que nenhum proprio para evidenciar os recursos que á sciencia dos phenomenos subjectivos podem prestar os processos da investigação biologica.

As admiraveis descobertas de Luys sobre a physiologia e pathologia do systema nervoso, comprovadas, a meu vêr, diariamente pelas, viviseccões, pelas autopsias e pelas consequencias psychologicas a que dão margem, pareceram-me sempre fornecer os elementos precisos á integral comprehensão dos phenomenos de subjectividade morbida entre os quaes a hallucinação avulta pela sua extrema generalidade. Esta aberração mental, talvez o symptoma mais constante das diversas formas de alienação, não poupa sequer as individualidades que se nos affiguram mais bem dotadas psychologicamente; para além dos hospitaes de loucos, onde é trivial, estende ainda largos dominios por onde menos geralmente se suspeita. Tasso, Luthero, Socrates, Joanna d'Arc, Mahomet, Pascal, artistas, reformadores, philosophos, homens de sciencia, experimentaram esta doença, sem que por isso as suas obras deixassem de exercer uma influencia grande e por vezes salutar sobre o seu tempo. Este factio curioso e sob o ponto de vista sociologico verdadeiramente importante, não é dos menores titulos por que o estudo das hallucinações se impoz á minha attenção.

De resto, nem occulto nem exagero as difficuldades do assumpto. Tratando-o n'esta monographia, levamos sómente em vista sugerir em espiritos mais robustos e mais bem preparados do que nós, o pensamento de penetrar os dominios da psychologia medica, tão ferteis e ao mesmo tempo tão pouco explorados n'este paiz.

Julho, 1880.

JULIO DE MATTOS.

Natureza e definição

Differindo muito, segundo o ponto de vista em que cada auctor se colloca, as definições do estado hallucinatorio tem contudo um fundo commum que Michea resumio n'esta formula: «Hallucinações são percepções determinadas na ausencia dos seus excitantes habituaes, produzidas sem que os objectos que ellas representam venham exercer especie alguma de impressão sobre os órgãos dos sentidos.» ⁽¹⁾ Esta definição, que aceitamos provisoriamente, tem sobre todas as que conheço, a vantagem de não envolver considerações pathogenicas ou implicar convicções pessoaes de qualquer ordem que a tornem exclusiva.

Toda a percepção normal reconhece como condição physica da sua realisação *um objecto presente* e como condição physiologica *uma impressão sensorial*. O estado perceptivo hallucinatorio dispensa o concurso d'estes elementos; o hallucinado percebe e objectiva na ausencia completa da estimulação exterior e da modalidade impressiva que regularmente determinam as reacções sen-

(1) Michea, *Extrait d'un Memoire sur les hallucinations*, pg. 242.

soriaes. É este o facto característico das hallucinações, a condição negativa que nos indica a presença d'um caso morbido. Determinar a origem d'esta aberração psychica, saber até que ponto ella estende a sua influencia sobre as concepções ou os actos do doente, investigar se esta affecção pode declarar-se idiopathicamente ou se é sempre a manifestação symptomatica d'una forma de loucura, são outros tantos problemas que iremos successivamente examinando, mas cuja solução, por mais importante e mais sustentavel que nos pareça, não deve todavia intervir como elemento d'uma definição, porque lhe prejudica a simplicidade e talvez a exactidão scientifica sem conseguir tornal-a mais clara.

Não pode formar-se uma idéa bem sensível da hallucinação comparando-a, como menos rigorosamente se tem feito, á recordação d'um objecto distante ou d'um acontecimento remoto que uma vez nos impressionou. N'este caso, o espirito reconhece perfeitamente e d'um modo immediato a natureza subjectiva da operação a que procede; por mais viva que seja uma percepção no acto da reminiscencia, distinguimol-a sempre e desde logo, sem perplexidades, intuitivamente, das percepções normaes.

As hallucinações porém, affectam um character tal de energia, uma tão grande força objectiva, se assim posso exprimir-me, que a distincção entre ellas e as percepções physiologicas torna-se impossivel para a generalidade dos doentes, difficil e sempre indirecta para todos.

A convicção de que são reaes e d'origem objectiva as percepções que experimentam, é para a maioria dos hallucinados de tal modo profunda que nenhum racioci-

nio consegue destruil-a. Um doente d'estes a quem Leuret tentava demonstrar o seu erro, respondia assim ao celebre alienista: «Ouço vozes, porque as ouço. Como é isto? Não sei; mas são ellas para mim tão distinctas como a sua voz, e se quer que eu admitta as suas palavras, deixe-me crêr tambem nas que me veem não importa d'onde, porque a realidade d'unas e outras é igualmente sensível para mim.» (1) Um outro respondia a Bayle nas mesmas circumstancias: «Porque é que se conhecem os objectos? Porque se vêem e se apalpam. Ora eu vejo, ouço e apalpo os demonios que estão fóra de mim e sinto da maneira mais distincta os que estão no meu interior. Como quer que eu invalide o testemunho dos meus sentidos, quando todos os homens o invocam como fonte de conhecimentos?» (2) Tive mais d'uma vez occasião de confirmar este facto. Um alienado recolhido no hospital de Santo Antonio, com hallucinações multiplas da vista, do ouvido, e do tacto, quando eu lhe objectava a impossibilidade de vêr e ouvir da enfermaria, scenas e dialogos realisados, segundo elle, a distancias consideraveis, respondia-me invariavelmente com um sorriso: «Tambem isso me pareceria impossivel ha alguns mezes; hoje porém vejo e ouço a todas as distancias, sem saber porque.» Um outro, mégalomaniaco, recolhido na mesma enfermaria, com hallucinações da vista e do ouvido, quando o interrogava ma-

(1) Onimus, *La Psychologie médicale dans les drames de Shakespeare*, pg. 11.

(2) A. Lemoine, *Du sommeil au point de vue physiologique*, pg. 114.

nifestando duvidas sobre as suas falsas percepções, limitava-se a apontar-me rigorosamente a hora e o logar da aparição de estranhos personagens que com elle entretinham longos dialogos. Um terceiro, recebido na enfermaria escolar de clinica medica, sob a influencia nocturna d'uma hallucinação deprimente investio, tal era a confiança nas suas percepções, contra o enfermeiro e alguns doentes.

Foi, certamente, attendendo a esta insistencia invencivel com que á maior parte dos hallucinados se impõe o valor objectivo das falsas percepções, que Tissot escreveu: «Esta especie de aberração consiste *essencialmente* em referir com uma convicção obstinada, um estado sensitivo ou perceptivo a algúm objecto exterior que não existe, ou, se existe, não exerce impressão alguma sobre os orgãos do que se crê por elle impressionado.» (1)

Influenciado pela mesma impressão geral, Onimus define: «A hallucinação é uma perturbação d'intelligencia que *faz crêr* na realidade das coisas não existentes.» (2)

Sob o mesmo ponto de vista, escreve Motet: «Dá-se o nome de hallucinação a uma perturbação psycosensorial *caracterisada* pela creença n'uma sensação realmente percebida no momento em que o exercicio do sentido não foi determinado por nenhuma excitação exterior.» (3)

(1) Tissot, *La folie considérée surtout dans ses rapports avec la psychologie normale*, pg. 170.

(2) Onimus, *Obr. cit.* pg. 4.

(3) Aug. Motet, *Dictionnaire de médecine et chirurgie pratiques*, art. Hallucination.

Estas definições porém, do mesmo modo que as de muitos outros alienistas, não nos satisfazem, porque estabelecem como essencial um caracter que, a nosso vêr, o não é. Tentaremos proval-o.

A confiança que o hallucinado presta ás falsas percepções sensoriaes explica-se por uma serie complexa de causas que procuraremos pôr em relêvo.

Figura em primeira linha o habito desde muito contrahido de julgar absolutamente o mundo exterior segundo as impressões que em nós se realisam. A consciencia não possui outro criterio para avaliar os phenomenos naturaes; cada percepção implica para nós uma realidade objectiva, garantida exclusivamente pelas impressões sensoriaes que o cerebro recebe e sobre as quaes reage. Que essas impressões tenham ou não logar, desde que a reacção central se realisa, a consciencia, orientada pelo habito no sentido de lêr em cada sensação o effeito d'uma realidade objectiva, consigna a percepção como certa. Raciocinava justamente o alienado de Bayle. Para julgar d'uma realidade externa temos um só meio directo, as impressões dos sentidos; e para avaliar se essas impressões se realisaram, um meio unico tambem, a sensação percebida. Ora se este ultimo facto tem logar, e é o caso das hallucinações, como havemos, a não ser por meios indirectos que suppõem um certo poder reflexivo e uma certá cultura intellectual, de pôr em duvida a realidade externa habitualmente admittida em identidade de circumstancias e constantemente imposta á nossa consciencia pelo testemunho de todos? Este habito de julgar o mundo pelas impressões sensoriaes que subjectivamente o representam, é um facto hereditario que

todas as observações da nossa vida conspiram em radicar na consciencia; é por isso na ordem d'importancia o primeiro elemento a que é dado recorrer na interpretação do phenomeno tão geralmente observado da crença nas hallucinações.

Não é este porém, o unico factor d'explicação. Comprehende-se muito bem que, reduzindo-se geralmente a hallucinação á esphera d'um sentido unico, bastasse aferrar a percepção d'esse sentido pelos dos outros para destruir ou pelo menos abalar a falsa convicção a que o exercicio pathologico d'um orgão pode conduzir-nos. A um doente accomettido de hallucinações visuaes que lhe revelam perto de si um dado objecto, bastaria para salvar-se da crença illusoria de que tal objecto existe, a tentativa de exercer sobre elle a palpação. Um outro, que durante a noite escuta vozes humanas em torno do leito, collocar-se-hia a salvo de qualquer aberração mental derivada d'este facto, fazendo intervir a vista como contra-prova da audição. Para os casos extremos da invasão de mais d'um sentido, restaria ainda o recurso do testemunho alheio. Seria este, e tem-no sido mais d'uma vez, como o demonstram os factos, um processo seguro para verificar na maioria dos casos a normalidade ou anormalidade d'uma percepção qualquer, evitando assim todas as aberrações que na esphera da concepção e da vontade tão de perto seguem as hallucinações. Infelizmente este processo natural e simples que tantas intelligencias conseguiria roubar aos dominios sombrios da loucura, nem sempre produz o resultado que pareceria derivar immediatamente do seu emprego. O atrazado nivel intellectual do meio em que o doente vive, é uma das causas.

No estado da evolução mental que Augusto Comte denominou theologico, o hallucinado crê firmemente nas suas percepções illusorias, porque ninguem ha que lhes opponha uma negativa; a corrente geral da opinião em vez de o sollicitar á duvida pelo exame, impõe-lhe pelo contrario a falsa convicção pela unanimidade das crenças, muitas das quaes se referem á intervenção possivel na vida humana de espiritos visiveis mas impalpaveis, umas vezes, audiveis mas invisiveis e impalpaveis, outras, do sobrenatural emfim, revelando-se sob mil aspectos singulares e phantasiosos. «Os loucos d'então, escreve Lelut, sobretudo os loucos hallucinados, deveriam ser o que são ainda hoje na Turquia—os homens de Deus, não só aos olhos dos outros, mas aos seus proprios, na realidade tão esclarecidos como os da multidão; e estas duas crenças não podiam deixar de prestar-se uma força mutua.» (1) Sendo assim, o recurso a que me referi de contraprovar as percepções d'um dado sentido pelas dos outros ou pelo testemunho estranho, deixa de ser possivel; a contraprova, a verificação suppõem a duvida e o exame reflexivo que n'este estado mental são univocamente substituidos pela fé e pela intuição. N'estas circumstancias, o hallucinado não é entre os homens uma excepção pathologica que se discute e analysa, mas uma excepção gloriosa ou funesta que se admira ou persegue. A antiguidade polytheista tributou ás hallucinações de Socrates um respeito visinho da adoração, e a idade media ás grandes nevroses collectivas que então se manifestaram

(1) Lelut, *Du Démon de Socrate*, pg. 336.

e omne a hallucinação era um elemento dominante, não soube responder senão pela perseguição ou pela apothese do alienado. (1) Para as classes dirigentes da sociedade moderna, a mentalidade theologica é uma phase que passou; para os menos cultos porém, esse estado infantil das intelligencias subsiste pelo poder incomparavel da tradição.

Um outro factor d'explicação para o phenomeno que examinamos, é a loucura. Ha muitas formas de alienação mental onde as hallucinações são evidentemente um facto symptomatico; n'estes casos a obstinação e presistencia com que o encephalopatha crê no valor objectivo das proprias percepções, é simplesmente o resultado d'uma crença mais geral, d'uma falsa apreciação dominante que caracteriza e define o estado de loucura. No delirio de perseguição, por exemplo, o alienado suppõe-se victima das mais estranhas e crueis machinações; vê um inimigo em cada homem, em cada acontecimento, por mais in-caracteristico que aos outros paraça, descobre os signaes evidentes d'uma grande desgraça que deve compromettel-o; nas palavras, no olhar dos que o cercam, traduz insinuações ironicas, implacaveis; no sorriso dos que passam lê sempre uma finalidade sombria, o sarcasmo deante dos seus infortunios. N'esta situação, quando as hallucinações irrompem, quando vozes hostis se fazem escutar de noite durante as interminaveis insomnias, que estranheza pode causar a adhesão firme que lhes presta o maniaco? Longe de pôl-as em duvida, o louco vê nas

(1) Vid. Littré, *Médecine et Médecins*.

hallucinações uma confirmação evidente e definitiva de luctuosas preoccupações anteriores.

O mesmo se dá na mégalomania, delirio psicologicamente caracterizado pela crença de que se possuem extraordinarias riquezas ou excepcionaes faculdades. O mégalomaniaco suppõe-se umas vezes o maior proprietario ou o maior capitalista do seu paiz: sob a sua influencia favoravel ou desfavoravel prosperam ou perdem o credito as primeiras casas bancarias, baixam ou sobem as rendas das casas; uma população inteira investiga das suas intenções, d'onde a felicidade ou a miseria dimanam. Outras vezes o delirio ambicioso toma uma direcção differente: o mégalomano é chamado a cumprir uma difficil mas gloriosa missão scientifica, politica ou religiosa; os destinos da humanidade dependem d'elle, da incomparavel lucidez e alcance das suas faculdades. N'estas circumstancias, as hallucinações que collocam o doente em relação com os mais altos personagens da industria, da sciencia, da litteratura, da politica ou da religião, são accites como traducção d'um facto normal, perfeitamente logico; a crença que ellas implicam na realidade exterior é simplesmeste um caso particular da convicção aberrante, caracteristica da nevrose. O que dizemos d'estas formas, que tivemos occasião de estudar em exemplares perfeitissimos, podemos repetil-o de todas ou quasi todas, tal é a frequencia das hallucinações como symptoma de alienação mental.

Insistimos sobre esta analyse porque ella é indispensavel, como veremos, para fundamentar a nossa critica ás definições geralmente propostas do estado hallucinatorio.

Acabamos de fallar da loucura como elemento explicativo da firmeza com que o hallucinado se obstina em ligar valôr objectivo ás percepções pathologicas. Este elemento será constante? O hallucinado será sempre um louco? Eis uma das questões mais vivamente agitadas entre os alienistas e que somos forçados a examinar.

Uns, como Ritti, não duvidam affirmar que a loucura e a hallucinação são inseparaveis, que uma existe necessariamente onde existe a outra. É o que se deprehende d'estas palavras: «A hallucinação é um symptoma e não uma entidade morbida, é um dos elementos semeiologicos da loucura do mesmo modo que a tosse é um dos symptomas das doenças pulmonares ou o vomito um elemento semeiotico das doenças abdominaes.» (1) Outros alienistas porém, admittem, como Mischea e Onimus, que a hallucinação pode existir sem a loucura, que ella é compativel com a razão, chegando mesmo alguns, Brierre de Boismont por exemplo, a sustentar que a hallucinação é em muitos casos um facto physiologico.

Qualquer que seja o respeito que nos merecem os nomes das auctoridades que se inscrevem n'esta questão, não podemos todavia acceitar as opiniões extremas de Ritti e de Boismont. Para nós a hallucinação é sempre um phenomeno pathologico, a maior parte das vezes symptomatico da loucura, mas podendo existir em alguns casos independente d'ella.

Como a questão é principalmente de facto, consulte-mos a experiencia.

(1) Ritti, *Théorie physiologique de l'hallucination*, pg. 6.

No livro de Brierre de Boismont encontram-se archivadas e minuciosamente descriptas observações d'individuos que, accommettidos repentinamente de hallucinações auditivas ou visuaes, reagem contra a tendencia que os conduz a prestar-lhes confiança, prescrutam o seu estado, que elles proprios descrevem com a despreocupação com que o teria feito um alienista, reclamam os soccorros da medecina, n'uma palavra, reconhecem-se portadores d'uma doença que tentam debellar. Tal é o caso de Nicolai, livreiro de Berlin. Qualquer que seja o criterio admittido para julgar a alienação mental, quaesquer que sejam as analogias entre o estado de loucura e o estado de razão e portanto as difficuldades reaes que mais d'uma vez se encontram tentando descriminar os dois estados, é todavia certo que nenhum alienista diagnosticaria a loucura nos individuos de que fallamos.

Se a hallucinação não conduz ás aberrações da intelligencia, do sentimento ou da vontade, se nenhuma alteração funcional do espirito se manifesta, se o hallucinado é o primeiro a recorrer a todos os processos naturaes por que aferimos o valor d'uma percepção, se a reconhece falsa, se em nada lhe obedece e vem elle proprio, exhaustos os recursos moraes, pedir ao medico o concurso dos meios pharmacologicos para destruir uma doença importuna, como havemos de chamar-lhe um alienado? Acreditando mesmo que a hallucinação é em todos os casos um processo morbido do cerebro, chamar a doentes taes alienados, seria tomar a loucura no sentido abusivo de encephalopathia. É esta tambem a opinião de Michea, quando escreve: «A hallucinação pode manifestar-se com a integridade perfeita da razão: O halluci-

nado não é um louco, todas as vezes que reconhece a não existencia ou a ausencia actual do objecto correspondente á falsa sensação, todas as vezes que a sua liberdade moral recusa o assentimento á convicção erronea da existencia ou presença actual d'esse objecto.» (4)

No periodo que separa a vigilia do somno, realisam-se frequentemente hallucinações, que Maury chamou *hypnagogicas*, e onde a loucura não pode de modo algum ser invocada como elemento pathogenico. Estas hallucinações podem mesmo ser provocadas voluntariamente. «Conheço este estado, diz Taine, por experiencia propria, e tenho repetido a observação um grande numero de vezes, sobretudo durante o dia quando, fatigado, me sento n'um *fauteuil*; basta-me então vendar um dos olhos com um lenço; pouco a pouco a vista do outro vae-se-me tornando cada vez mais vaga até que elle se fecha. Gradualmente, todas as sensações exteriores se apagam ou cessam pelo menos de se fazer notadas; pelo contrario, as imagens internas, fracas e rapidas durante a vigilia completa, tornam-se intensas, distinctas, coloridas e duradouras. É uma especie de extase, acompanhada de enfraquecimento geral e de bem estar. Instruido por uma experiencia frequente, sei que o somno vae realisar-se e é preciso não perturbar a visão que nasce; não reajo e ao fim d'alguns minutos ella é completa.» (4) Estas hallucinações hypnagogicas, poucos terão deixado de experimental-as algumas vezes. Em nós são muito

(4) Michea, *Obr. cit.* pg. 267.

(4) H. Taine, *De l'Intelligence*, t. 1.º pg. 97, 3.ª edição.

frequentes; já uma vez experimentamos uma, notavel, consistindo na audição distinctissima d'uma phrase extensa, pronunciada por uma voz conhecida. A observação, desde que a faço com um intuito scientifico, revela-me que taes hallucinações se realisam todas as vezes que na obscuridade e silencio completos o somno deve succeder á fadiga que provém d'uma surexcitação cerebral. São estas tambem as condições favoraveis ao advento dos sonhos cujas hallucinações mantem, não raro, uma relação estreita com as preoccupações da vigilia. (1)

Mas no caso das hallucinações hypnagogicas o espirito comprehende perfeitamente que se trata d'uma percepção falsa, que algumas vezes elle proprio provocou e a que retira todo o valor objectivo; e até mesmo nas hallucinações do somno pode ter logar este facto. Ha individuos habitualmente accomettidos de maus sonhos, povoados de hallucinações terriveis, que possuem o poder de reflectir durante o somno na propria situação, de a julgarem e até mesmo de determinarem voluntariamente

(1) O exemplo mais frisante que conhecemos d'esta relação, é o de Tartini. «Este compositor, escreve Motet, que durante a vigilia tinha debalde procurado a inspiração; adormece fatigado, e a preocupação do seu espirito persiste durante o somno; sonha na sua composição e apparece-lhe o diabo propondo-lhe acabar a sonnata em que pensa, se elle lhe entregar a alma. Tartini acceita a proposta, e ouve então o diabo executar no violão as melodias que não conseguira encontrar. Desperta, corre á banca, e de memoria nota immediatamente as arias que ouvira.» A composição é conhecida pelo nome de «Sonnata do Diabo.»

o despertar que deve arrancal-os a uma situação deprimente.

Estes casos demonstrando até á evidencia que a hallucinação pode dar-se sem a crença na sua validade, justifica plenamente a nossa reluctancia em admittir as definições que citamos de Tissot, Motet e Onimus, ao mesmo tempo que invalidam a de Ritti: «A hallucinação é um *symptoma* pathologico consistindo na percepção d'uma sensação sem objecto exterior que a faça nascer.» A hallucinação não é sempre um facto symptomatico, um elemento semeiotico; em alguns casos é uma affecção idiopathica, uma entidade morbida exclusiva.

Não sendo a hallucinação um facto privativo dos alienados, poderemos com Brierre de Boismont consideral-a um phenomeno physiologico? A resposta negativa impõe-se ao nosso espirito d'um modo incontestavel. Sentir como real o que é phantastico, conhecer como objectivo o que apenas existe nos dominios cerebraes, prescindir no acto da percepção dos antecedentes normaes d'este phenomeno—a realidade exterior e a impressão que ella determina reagindo sobre a nossa economia—é evidentemente entrar na esphera da psychicidade pathologica. No empenho de Brierre de Boismont em sustentar o contrario, não podemos ver mais do que uma preocupação idealista e religiosa que o leva a admittir o extase como meio legitimo de adquirir conhecimentos e as exaltações mysticas como prova de perfeição moral.

Para Boismont um discipulo da Philosophia Positiva que remette aos dominios do incognoscivel os problemas insolueis das causas primeiras e as questões de finalidade, que vê nas praticas asceticas do catholicismo uma

aberração mental, um estado morbido prejudicial ao organismo do individuo e á organização moral das sociedades, é um homem imperfeito; annula-o para Boismont a mácula da impiedade. Pelo contrario são para elle typos da maxima grandeza moral, os illuminados, os extaticos, as mulheres hystericas que conversam com a Virgem, as estygmatisadas como Luiza Lateau e os homiens que teem uma estrella dirigente como Napoleão. Não exaggeramos; basta lêr o prefacio do livro *As hallucinações*, em que o auctor se insurge declamatoriamente contra os bellos trabalhos de Lelut sobre Socrates e Pascal, e o capitulo segundo da mesma obra, para nos convencer-mos de que Boismont, qualquer que seja o merito das suas investigações originaes em psychiatria, é um espirito immensamente atrazado, de cujas publicações podemos apenas admittir com certa reserva os factos que ellas consignam, rejeitando todavia as interpretações onde a sciencia cede o logar a uma esteril ímpulsão vitalista. Combatendo a todo o transe a escola anatomo-pathologica, a que evidentemente está reservada a gloria de todas as conquistas da physiologia e pathologia cerebraes, combatendo-a até o ponto de n'um livro especial não dedicar uma só palavra ao estudo das lesões que caracterisam os estados hallucinatorios, Brierre de Boismont fecha-se voluntariamente no circulo estreito d'umas concepções methaphysicas que ha trinta annos deixaram de ter curso entre medicos e psychologistas.

Examinemos no entanto os argumentos d'este alienista. Tudo quanto accumula em favor da sua these, porventura a principal e sem duvida a mais controversada de todo o livro que citamos, reduz-se a revelar-nos

a existencia de hallucinações em homens de provado talento, na grande maioria artistas de vigorosa imaginação. Cita Byron suppondo-se visitado por um espectro, *depois d'uma surêxcitação cerebral*; cita Pope, *que soffria muito dos intestinos*, perguntando ao medico que braço era um que lhe parecia romper da parede; annuncia o facto de Descartes que, *depois d'uma demorada solidão*, foi seguido d'um personagem invisivel que o convidava a proseguir as suas investigações sobre a verdade; refere uma hallucinação de Andral que, *profundamente impressionado* por uma dissecação quando principiava os seus estudos anatomicos, viu no dia seguinte ao da lição, deitado ao longo da banca d'estudo, o cadaver que servira ás demonstrações; relata enfim o caso de Malebranche ouvindo dentro em si distinctamente a voz de Deus, e o de Goethe affectado um vez de deuteroscopia. (1)

Os exemplos não podiam ser escolhidos com mais infelicidade. As hallucinações de que se tracta, são tão evidentemente um facto morbido, que, exceptuando dois casos, em todos vem mencionada a causa pathogenica que os determinou; ao desaparecimento d'esta causa corresponde o desaparecimento da falsa percepção.

Mencionemos ainda novos exemplos. Um, muito notavel, é o de Flaubert. «Os meus personagens, escreve a Taine o incomparavel romancista, affectam-me, perseguem-me, ou antes sou eu que existo n'elles. Quando descrevia o envenenamento d'Emma Bovary, *tinha tão*

(1) *Obr. cit.*, pg. 55, 3.^a edição.

realmente na bocca o gosto do arsenico, estava tão intoxicado eu proprio, que tive duas indigestões successivas, duas indigestões perfeitamente incontestaveis, porque vomitei todo o jantar.» (1) Um caso não menos interessante é o de Goethe que, quando fechava os olhos e baixava um pouco a cabeça, tinha a possibilidade de fazer apparecer no meio do campo da visão uma flôr, que desabrochava e de cuja parte interna novas flôres saham (2).

Estes ultimos factos, como o de Malebranche, representam o effeito d'uma excitação anormal da imaginação sob a influencia de preoccupações exclusivas. A exactidão geometrica, releve-se-me a phrase, no desenho dos seus personagens, era o pensamento dominante, o alvo principal do impecavel auctor de *Salammbô*; Malebranche era um theologo que fazia intervir Deus na execução de todos os actos humanos; Goethe, como naturalista, teve sobre a physiologia vegetal, que tanto lhe deve, preoccupações absorventes.

Mas porque estas hallucinações são compatíveis com o maximo desenvolvimento intellectual, com o genio mesmo, deixaremos de consideral-as um facto morbido? Porque ellas algumas vezes, como no caso de Flaubert, podem constituir um elemento indiscutivel de superioridade artistica, deixaremos de consideral-as percepções anomalias, phenomenos que se desviam das leis physiologicas? Não é certo, como acabamos de vêr, que taes hallucinações só se realisam em condições excepção-

(1) H. Taine, *Loc. cit.*

(2) H. Taine, *Obr. cit.*, T. 1.º pg. 90 e 93.

naes, precisamente nos momentos em que uma lei conhecida de physiologia nos leva a admittir uma intensa hyperemia cerebral? Ora nós crêmos evidente que causas pathologicas não podem determinar effeitos hygidos.

O que estes factos demonstrem é simplesmente uma these já por nós affirmada: que as hallucinações nem sempre indicam loucura.

Mas temos argumentos d'uma outra natureza, argumentos experimentaes, contra as affirmativas do presidente da Sociedade Medico-psychologica. É aos proprios livros d'este escriptor que vou pedir uma observação notavel com que me será facil combatel-o.

Trata-se d'um pintor inglez que adquirira uma clientela por tal forma extensa que n'um anno compoz 300 retratos. O segredo da sua popularidade explica-o elle proprio n'estas palavras: «Quando um modelo se me apresentava, olhava-o attentamente durante meia hora esboçando de tempos a tempos alguns traços sobre a tela. Não precisava de sessão mais demorada; levantava a tela e passava a outro. Quando queria continuar o primeiro retrato, retomava o homem no meu espirito, sentava-o na cadeira, *onde o via tão distinctamente como se elle na realidade lá estivesse* e, posso mesmo acrescentar, com formas e côres mais nitidas e mais vivas. Fixava de quando em quando a figura imaginaria e começava a pintar; suspendia o trabalho para examinar a attitude, *absolutamente como se o original estivesse deante de mim*. Todas as vezes que lançava os olhos para a cadeira, *via o homem.*» Eis um hallucinado que, á maneira de Flaubert, se servia das falsas percepções como d'um meio de superioridade na concorrência artistica. Boismont chama-

lhe «uma imaginação cheia de vivacidade.» Pois bem; n'este caso os dominios pathologicos estavam de tal maneira invadidos que a loucura veio mais tarde a manifestar-se. Ouçamos as palavras do artista: «Pouco a pouco comecei a perder a distincção entre a figura imaginaria e a real, e algumas vezes sustentava aos modelos que elles já de vespera me tinham visitado. Por fim persuadia-me d'isto e depois tudo se tornou confuso. Creio que se aperceberam d'esta situação. Não me lembro de mais nada; perdi o espirito e conservei-me 30 annos n'um asylo.» (1)

Um outro individuo affectado de hallucinações visuaes permanentes que o collocavam em relação com diversas pessoas, chegou tambem ao ponto de não saber distinguir os seres reaes dos imaginarios; então uma enorme confusão de idéas e de imagens irrompeu morbidamente n'aquelle cerebro e a demencia foi o remate angustioso d'aquelle estado hallucinatorio, que o alienista Boismont chama *physiologico*. (2)

Taine reproduz no bello livro que citamos, uma observação curiosa que lhe foi enviada por um amigo, homem de sciencia e observador habil e consciencioso. Esse homem expõe um caso de hallucinações progressivas e multiplas durante um estado febril e termina por estas palavras dignas de nota: «A dieta findou e com ella as hallucinações; o doente pensa porém que, se tivesse continuado, estas agradaveis chimeras teriam correspondido cada vez melhor ás boas disposições que principiava a

(1) B. de Boismont, *Obr. cit.* pg. 27.

(2) *Obr. cit.*, pg. 37.

sentir no seu espirito e que teria enfim podido sustentar com ellas relações de todos os sentidos, *sem comtudo estar certo* de que a verificação imparcial da sua intelligencia podesse manter-se.» (1)

Esta observação tem um grande valôr porque, segundo Taine, ella é, embora a redacção o occulte, do proprio escriptor que a relata.

Crêmos ter demonstrado que as hallucinações não são estados hygidos. Contra esta denominação protestam, a meu vêr, a analyse psicologica e a analyse clinica.

Reconheço, reconhecem todos a superior difficuldade, se não impossibilidade absoluta, que não raro se encontra para decidir se um certo factó pertence á classe dos physiologicos ou pathologicos. A differença que separa os dois grupos é ás vezes de grao apenas; a linha divisoria só artificialmente se pode traçar em taes circumstancias. O nosso caso porém é diverso. Se a hallucinação tem por objecto uma entidade que nunca se encontrou sob a acção dos nossos sentidos, o seu character pathologico nem mesmo se pode discutir; á percepção hallucinatoria falta uma circumstancia imprescindivel da percepção physiologica—a existencia da coisa percebida. Quando a hallucinação reveste o character d'uma reminiscencia, como nos casos a que de preferencia se socorre Boismont, o character pathologico não é tão evidente, mas existe ainda. Nas recordações physiologicas, por mais viva que seja a imagem evocada, por mais intenso que seja o seu brilho, o espirito percebe sempre que se tracta d'uma reproducção subjectiva; basta o sen-

(1) *Obr. cit.*, T. 1.º Not. II, pg. 339.

tido interessado para proval-o. Assim se eu repasso na imaginação uma paisagem ou um quadro que *vi*, por mais nitida que seja a imagem, basta-me para saber que se tracta d'uma recordação e não d'uma realidade presente, contemplar as coisas que me cercam. As imagens actuaes vencem as imagens reproduzidas; as sensações *visuaes* do momento predominam sobre as sensações evocadas. Se me lembro das palavras d'um amigo distante, se recordo interiormente um trecho musical que *ouvi*, qualquer que seja a precisão com que o faça, para ter a convicção de que apenas recordo, basta-me escutar os sons que em torno de mim se produzem; as sensações *auditivas* actuaes fazem esquecer as passadas que eu reproduzo pelo processo cerebral da memoria. É por isso que em casos taes, para que as percepções recordadas não percam o seu brilho proprio, o brilho que as aproxima do momento em que foram pela primeira vez produzidas, cerramos os sentidos ás sollicitações da realidade exterior; fechamos os olhos para revêr um quadro distante, procuramos o silencio para reproduzir uma aria ouvida.

As sensações actuaes são, como lucidamente lhes chama Taine, as *antagonistas* das sensações recordadas. Se esse antagonismo deixa de existir, entramos nos dominios pathologicos: nos da simples encephalopathia sem loucura, se a falta de antagonismo apenas tem logar em relação a percepções d'uma mesma classe, d'um mesmo sentido; nos da alienação mental, se a falta de antagonismo existe em toda a esphera sensorial e o hallucinado não pode nem directa nem indirectamente rectificar as proprias percepções.

Resumindo: É um hallucinado, e para nós portanto um doente, o que pelo simples auxilio d'um dado sentido não pode decidir se existe ou não existe no momento actual um objecto que esse sentido percebe. Se consegue decidil-o pelo concurso dos restantes sentidos, ou por quaesquer outros meios, ainda não é, nem será talvez, um louco; se a rectificação porém, é impossivel, torna-se evidentemente um alienado.

Tal é a doutrina que se nos affigura exacta. Fundados n'ella, rejeitamos a definição de Brierre de Boismont para quem o estado hallucinatorio é «a percepção dos signaes sensiveis da idéa» (1).

Para terminarmos este capitulo, em que tentamos caracterisar bem o estado morbido cujo estudo pathogenico é o nosso fim principal, resta-nos distinguir as hallucinações d'outros erros sensoriaes, as illusões, com que inadvertidamente se confundem ás vezes, como nas definições de Crichton e Calmeil, citadas por Baillarger. (2)

Posto que quasi sempre simultaneas, e por isso mesmo difficeis de distinguir-se principalmente nos casos de alienação mental, a hallucinação e a illusão são todavia estados pathologicos diversos. Na illusão o espirito toma um corpo por um outro, uma forma material por outra forma inteiramente distincta; mas o elemento objectivo persiste, ao contrario do que succede na hallucinação. A hallucinação é uma percepção não precedida de impressão; a illusão é simplesmente uma impressão real perce-

(1) Vid. *Obr. cit.*, pg. 18.

(2) Baillarger, *Memoire sur les hallucinations.*

bida d'um modo vicioso. Ritti expõe lucidamente a differença n'estas palavras: «O que distingue os dois phenomenos um do outro é que, na hallucinação as percepções sensoriaes são creadas d'um modo completo no cerebro doente e não precisam para produzir-se da intervenção activa dos orgãos sensitivos externos, emquanto que na illusão ha uma impressão externa que, uma vez percebida, se transforma e adapta, por assim dizer, ás preoccupações delirantes do doente.» (1) Assim D. Quixote (é este o exemplo de que se serve Ritti) confundindo os moinhos de vento com gigantes inimigos, é affectado d'uma illusão; pelo contrario Hamlet, vendo um espectro a que forma alguma exterior corresponde, é victima d'uma hallucinação. Laségue caracteriza as differenças expostas n'esta phrase comparativa: «A illusão é para as hallucinações o que a maledicencia é para a calumnia.» (2)

A illusão é talvez um pródromo constante da hallucinação, que mais tarde acompanha; a observação clinica, pelo menos, parece demonstrar que os estados hallucinatorios succedem sempre a um periodo mais ou menos demorado de illusões. O doente principia por transformar no sentido das suas preoccupações as formas, sons, sabôres ou cheiros que o affectam; só mais tarde é que independentemente de uma impressão qualquer, cria estes phenomenos. Nas hallucinações mysticas, de que possuímos numerosas descripções, nota-se sempre este facto;

(1) Ritti, *Obr. cit.* pg. 6.

(2) Citado por B. Ball in *Revue Scientifique*, n.º 4, Maio de 1880.

o extático nos primeiros periodos da exaltação religiosa limita-se a alterar as impressões que recebe do mundo exterior, até que nos instantes de arroubamento forma os variados e multiplos quadros, cujos personagens divinos só elle vê e escuta, porque só no seu cerebro doente teem realidade. É o que se nota constantemente na hypochondria, onde as illusões são, chronologicamente, os primeiros symptomas reveladores da perturbação mental que mais tarde hade manifestar-se por um delirio hallucinante perfeitamente caracterisado. Nos casos de terrôr de perseguições, é esta tambem a ordem de successão dos phenomenos sensoriaes pathologicos. Tivemos occasião de confirmal-o.

II

Etiologia

Todas as vezes que pela marcha dos nossos estudos temos sido conduzidos a occupar-nos da etiologia d'uma affecção mental, a hereditariedade tem-se apresentado sempre em primeiro logar.

LEGRAND DU SAULLE.

Procurando estudar a etiologia das hallucinações, de-frontamo-nos com um volumoso cathalogo de causas, archivadas nos livros especiaes d'un modo absolutamente empirico e desconnexo. Nem admira que assim aconteça, se nos lembrarmos de que a hallucinação pode apparecer como symptoma de todas as doenças mentaes ainda as mais diversas, como a mania aguda com exaltação de todas as faculdades e o idiotismo onde as manifestações psychicas se reduzem ao minimo de intensidade.

Classificar estas causas, reduzil-as a grupos naturaes, é pois uma tarefa difficil, especialmente quando falta, como á maioria dos auctores classicos, o fio conductor d'uma clara noção pathogenica ou pelo menos d'uma hypothese sobre o modo por que o estado hallucinatorio se realisa.

Regeitando todas as classificações arbitrarías geral-

mente accites, como a de Michea que reduz as causas da hallucinação a dois grupos — psicologicas e materiaes — e a de Boismont que forma das hallucinações nove cathogorias, sem que possa descobrir-se na sequencia d'ellas uma idéa directriz, um laço d'ordem, fomos, por uma paciente investigação subordinada ao criterio physiologico, conduzidos a admittir dois grupos etiologicos naturaes: a hereditariedade, como causa predisponente, e todas as circumstancias capazes de alterarem morbidamente a circulação cephalica, como causas determinantes.

N'este ultimo grupo, o das causas occasionaes, veem reunir-se todas aquellas que Michea na sua *Memoria* divide, sem razão scientifica attendivel, nas duas cathogorias que citamos. Perante o estado morbido hallucinatorio, tanto vale a attenção demasiada que congestiona o cerebro, como a febre que conduz ao mesmo resultado; vale o mesmo a imbecilidade que não permite, segundo Delboeuf ⁽¹⁾, distinguir as imagens subjectivas das imagens exteriores, como as fortes depleções sanguineas que produzem o mesmo effeito. As causas aparentemente mais diversas, como o frio demasiado e o calor intenso, a supressão extemporanea das faculdades mentaes na idiotia e o seu maximo desenvolvimento no genio, o estado hypnagogico e o estado de meditação profunda, a pléthora

(1) *Revue Philosophique*, n.º 11, 4.º anno, Novembro de 1879, pg. 516.

e a chlorose, todas estas circumstancias tão differentes encontram no grupo dos modificadores circulatorios uma unidade scientifica que parecia faltar-lhes. Entre todas as causas da hallucinação que os alienistas mencionam (e é verdadeiramente prodigioso o numero d'ellas) não encontramos uma só que deixe de actuar por uma alteração circulatoria, já mechanicamente, produzindo as simples congestões ou hemorrhagias do encephalo, já chimicamente, alterando a crase sanguinea.

Não bastam porém, para a determinação do estado hallucinatorio as causas que chamamos occasionaes. Sob a influencia actuante d'estes elementos etiologicos, nem todos reagem de modo equal; se n'uns a hallucinação irrompe, n'outros as sollicitações pathogenicas obteem uma resposta muito differente. É pois necessario para explicar a especialisação morbida deante de causas tão geraes, admittir uma predisposição organica individual.

E não se creia que, chegado a este ponto, o alienista, como tantas vezes se tem dito, invoca a modalidade predisponente a titulo de *illuminura technica* que serve para encobrir ignorancia; a predisposição é um facto incontestavel cuja significação á sciencia incumbe averiguar em cada caso especial. Felizes se podemos surprehendel-a! Nos tempos em que a medecina, segundo a phrase vigorosa de Legrand du Saulle, se não tinha ainda «libertado da alliança incommoda da methaphysica», quando, levada na corrente ontologica, procurava ingénuamente o *porque* dos factos hygidos ou pathologicos, a predisposição era realmente uma palavra banal; hoje que o espirito positivo collocou os limites da finali-

dade scientifica no modesto e desprezencioso *como*, a predisposição significa um conjuncto de causas a descobrir, o complexo de circumstancias proprias por que no conflicto vital os seres vivos se fazem representar.

Demonstremos que esta predisposição existe como factor constante nos casos de delirio sensorial e que ella pode sempre considerar-se expressão da inneidade hereditaria.

Brierre de Boismont que, d'accordo com Bucknill, Kellog e outros, concede a Shakspeare o titulo d'um psicologista de primeira ordem e a gloria de ter explorado no drama a pathologia mental com a precisão scientifica d'um alienista, referindo-se a Hamlet, diz: «É um melancolico, inclinado ao desalento, ao desgosto da vida, ao suicidio; o seu habitual desdem, cheio d'ironia, manifesta uma tendencia a não vêr senão a face triste do mundo e da natureza humana.» (1) Onimus que vê no mesmo typo dramatico uma realisação felicissima da predisposição hallucinatoria, escreve: «Hamlet é uma natureza valetudinaria, um temperamento nervoso e lymphatico não tendo, mesmo na flôr da idade, os modos juvenis e violentos que caracterizam a força, a saude exuberante e acompanham o caracter descuidoso, a alegria, o ardor no prazer e no trabalho, proprios ao temperamento sanguineo.» (2) Lelut attribue ao hallucinado Pascal um character profundamente melancolico e uma saude oscillante desde os primeiros annos. Depois de ter narrado algumas

(1) *Annales Medico-psychologiques*, T. xx pg. 329.

(2) Onimus, *Obr. cit.* pg. 13.

singularidades verdadeiramente extraordinarias da infancia d'este genio, taes como um inexplicavel horror á agua corrente, e a repugnancia invencivel com que via aproximarem-se um do outro seus paes, termina escrevendo: «Este homem devia ser tão extraordinario na saude como no genio; e a triste singularidade das alterações que o ameaçavam, revelou-se desde o berço.» (1) O mesmo alienista fallando de Socrates, outro hallucinado, apresenta-o com um caracter sombrio e austero, «insensivel á intempérie das estações, ao contagio da peste, e ás necessidades da natureza animal.» (2)

Podemos acrescentar que não existe um exemplo só de hallucinação, em que deixe de fazer notar-se a predisposição individual; todos os alienistas insistem sobre este facto importante. Legrand du Saulle no bello livro *A Loucura hereditaria* e Maudsley na obra por tantos titulos notavel *O Crime e a Loucura*, dão a este ponto capital um extraordinario relêvo. Este ultimo auctor crê mesmo que devemos admittir na grande maioria dos casos de alienação mental (e n'elles a hallucinação é, como sabemos, caracter symptomatico) uma particular e innata disposição precursora que elle denomina *temperamento ou nevrose vésanica* (3).

D'estas passagens, como de muitas que poderíamos citar, resalta a importancia que ao *caracter* e ao *temperamento* individuaes se attribue como causa predisponente

(1) Lelut, *L'Amulette de Pascal*, pg. 128.

(2) Lelut, *Du Démon de Socrate*, pg. 215.

(3) *Obr. cit.*, pg. 40.

da hallucinação. Ora o character e o temperamento são expressões da hereditariedade. Em rigor é tão impossível formar d'um modo artificial estas modalidades physiologicas, bem accentuadas, quanto é facil obtel-as pelo processo da herança. A educação pode modificar profundamente um character, e o meio hygienico alterar notavelmente um organismo. Estes processos porém, por mais bem conduzidos que sejam, por mais permanente que supponhamos a sua acção, não podem dentro dos estreitos limites d'uma existencia, chegar a supprimir a inneidade; estes processos ou actuam no sentido da herança biologica, e são simples auxiliares d'ella, ou actuam em sentido opposto, e então modificam e alteram o temperamento e o character, sem todavia poderem substituil-os pelos seus contrarios, sem poderem mudar uma orientação tradicional por uma outra que lhe é opposta.

Estas reflexões bastam, a meu vêr, para justificar a introduccão da hereditariedade na etiologia das hallucinações, como causa predisponente a que d'um modo directo ou indirecto todas se reduzem. Este resultado, entrevisto desde ha muito pelos medicos alienistas, deve considerar-se definitivo depois dos trabalhos de Calmeil, Morel, Baillarger e Legrand du Saulle, o auctor das memoraveis lições reunidas no livro que acima citamos, *A Loucura hereditaria*.

III

Pathogenia

Quanto mais observo os alienados, mais me convengo de que é no exercicio involuntario das faculdades que devemos procurar o ponto de partida de todos os delirios.

BAILLARGER.

As innumerables hypotheses emittidas para explicar o machinismo por que os estados hallucinatorios se produzem, podem todas reduzir-se a duas grandes cathogorias; á falta de termos melhores, chamar-lhes-hemos *psychicas* e *somaticas*.

No primeiro d'estes grupos inscrevem-se todas as theorias que consideram a hallucinação um estado anormal da consciencia, ou a perturbação dependa simplesmente, como pretendem os animistas, d'um desvio morbido do espirito, tomada a palavra no sentido classico, ou seja dynamicamente interessada a parte do cerebro destinada á ideação. Encontram-se na segunda classe todas as theorias em que se procura explicar a hallucinação como resultado de lesões organicas determinaveis, ou sejam centraes, da parte do apparelho encephalico, ou periphericas, da parte do apparelho sensorial.

Não discutiremos as theorias animistas; nem sob o ponto de vista psicologico, nem sob o ponto de vista medico o poderiamos fazer sem nos darmos o ar estranho de investir com sombras.

Passemos pois ao exame das restantes hypotheses pela ordem por que as expozemos.

Theorias psychicas

Alguns alienistas julgando a pathologia cerebral incapaz de corresponder ao desiderato medico moderno, que consiste em ligar as perturbações funcionaes a lesões organicas correspondentes, remetem-se voluntariamente á simples exploração psicologica. Desprezando por insufficientes as dissecções cadavericas e as experiencias no vivo, estes auctores preferem no caso das hallucinações, como em todos os casos de pathologia mental, o exame psychico do doente, d'onde, pela comparação com o que sabem dos estados normaes, procuram deduzir as theorias pathogenicas e ás vezes mesmo as indicações therapeuticas.

Estas theorias, qualquer que seja o talento empregado na sua elaboração, teem o inconveniente fundamental e inevitavel de não nos designarem o processo organico segundo o qual a doença se produz, nem mencionarem, embora d'um modo vago, a serie de alterações anatomicas causas ou effeitos do estado morbido. Faltalhes a contraprova da experiencia, o que aos olhos do medico deve ser talvez a sua condemnação, e para nós constitue quando menos um motivo fundamental de critica.

Como porém estas hypotheses podem na pathologia,

á maneira do que outras teem feito relativamente á physiologia, sugerir-nos a idéa do processo experimental que deve conduzir á verdade, faremos d'ellas uma exposição critica.

Nas celebres discussões tão agitadas e tão completas que em 1855 se realisaram no seio da sociedade Medico-psychologica, todas as theorias psychicas mencionadas e ainda hoje accites por muitos, se fizeram representar. Os extractos d'essas notaveis sessões foram publicados nos «Annaes Medico-psychologicos», o melhor archivo a consultar sobre este assumpto.

Para Peisse, como para Buchez e Brierre de Boismont, as hallucinações constituem apenas exageros do facto normal da recordação. «Quando lembramos, dizia Peisse, uma percepção qualquer, formamos constantemente no cerebro uma imagem que não distinguimos d'outra correspondente á realidade, senão porque é menos viva do que ella; quando este character cessa de existir, dá-se a hallucinação.» Boismont dizia tambem: «A lembrança d'uma sensação pode, segundo a impressionabilidade do individuo ou da raça, egualar em força a propria sensação. A representação mental é em germen a hallucinação physiologica.»

O que dissemos no primeiro capitulo d'este livro, dispensa-nos d'uma critica demorada á explicação pathogenica d'estes alienistas. Admittida mesmo a possibilidade de confundir-se a recordação physiologica, pela sua vivacidade, com o facto da sensação actual, o que seria uma larga concessão, a theoria exposta subsiste pelo menos incompleta. Como explicar segundo ella, as hallucinações que versam sobre uma sensação inteiramente nova,

nunca experimentada? As vozes que os hallucinados escutam, as figuras que vêem, os sabores e os cheiros que sentem, nem sempre lhes são conhecidos; muitas vezes até para designarem por um nome apropriado estas ultimas sensações, experimentam difficuldade porque lhes falta um termo de comparação. Dar portanto ás hallucinações o character constante de factos de reminiscencia, é partir d'uma observação falsa para terminar n'uma theoria deficiente.

Lelut ressuscita d'algum modo o ponto de vista de Esquirol que dizia: «O hallucinado dá corpo aos productos do seu entendimento; sonha acordado.» Retomando o que ha de essencial na opinião do grande mestre, sempre justamente lembrado nas questões de pathologia mental, o auctor do *Demonio de Socrates* considera o estado hallucinante como a transformação do phenomeno superior da idéa no phenomeno inferior e primitivo da sensação correspondente. Observando que todas as idéas directa ou indirectamente derivam d'um estado sensorial, Lelut admite que, assim como se passa progressivamente da sensação á idéa, tambem se passa regressivamente da idéa á sensação. Esta volta ao ponto de partida faz-se algumas vezes directamente, como nos casos das percepções visuaes ou auditivas que se recordam; outras vezes, como nas creações artisticas, ha um factor intermedio da metamorphose sensorial: a imagem. «O primeiro e mais fraco grao da revivificação das idéas, escreve Lelut, consiste na transformação, não ainda em sensações, mas em imagens que a ellas devem conduzir.» (1)

(1) Lelut, *L'Amulette de Pascal*, pg. 41.

É a clareza d'estas imagens fixadas d'um modo exclusivo pelo cerebro, que nos conduz á sensação, isto é que nos hallucina. Temos nos sonhos uma realisação vulgar d'este phenomeno.

Todas as impressões sensoriaes podem, segundo Lelut, dividir-se em *affectivas* e *perceptivas*. As primeiras são as que, como as do olfato e do gosto, não originam idéas, não se representam cerebralmente por imagens e não implicam bem distinctamente para o nosso espirito juizo d'exterioridade. As segundas, as *perceptivas*, que são as do ouvido, as da vista e grande numero das do tacto, importam sempre para o cerebro a formação subsequente d'uma idéa, representam-se por imagens subjectivas e determinam em nós d'um modo claro e impositivo a noção do não-Eu. As impressões *affectivas*, faltando-lhes uma imagem representativa sobre que a attenção se fixe, só *accidentalmente* e como recordação involuntaria podem manifestar-se na ausencia dos excitantes normaes, corpos sapidos e adorantes; d'aqui a extrema raridade das hallucinações olfativas e gustativas. As impressões do segundo grupo, ao contrario, por isso que dão ao espirito uma representação quasi *plastica* sobre que pode fixar-se, devem ser mais vulgares, reproduzir-se menos automaticamente que as do primeiro grupo e sob a forma não de simples reprodução como estas, mas muitas vezes de verdadeiras creações; é o que se confirma pela frequencia das hallucinações auditivas, visuaes e tactis não só na loucura, mas em muitas outras condições morbidas.

É esta, muito em resumo, a theoria de Lelut, de to-

*

das as psychologicas aquella que mais discussão tem levantado e mais proselytos tem feito.

Na *Revista medica* de maio de 1842, Blaud escreveu sobre esta doutrina pathogenica uma critica, a meu vêr profunda e extensivel a todas as theorias que, como a de Desaliauve, se approximam d'esta. Segundo Blaud, toda a hypothese de Lelut, a despeito das subtis e finas observações psychologicas que lhe mistura, é um trabalho inutil, porque deixa sem explicação aquillo mesmo que se propunha explicar. A critica do collaborador da *Revista medica* pode resumir-se assim: Acreditemos que as idéas se transformam em sensação, como pretende Lelut, mas perguntemos que especie de sensação. Physiologica? Não, porque a sensação physiologica suppõe a presença d'um corpo. Pathologica? Decerto; mas então resta explicar como se formou a sensação sem objecto, que é a propria hallucinação, o factio fmesmo cuja genése se pretendia determinar.

A esta critica, que aceitamos sem restricções, podemos ainda acrescentar uma observação. As hallucinações gustativas e olfativas, raras sem duvida relativamente ás do ouvido, da vista e do tacto, não o são ainda assim tanto como parece poder deprehender-se das affirmações theoricas de Lelut. No *delirio das perseguições* observam-se como phenomeno quasi pathognomonic: o doente recusa os alimentos allegando sempre que lhe *cheiram e sabem* a veneno. D'onde se infere que não é necessaria uma percepção recebida que se transmutte em sensação, para realisar-se o estado hallucinatorio; basta uma concepção delirante para originar a metamorphose sensorial. Simplesmente nos falta, como nota Blaud,

explicar o processo por que tal transformação se effectua..

Ball, contra a theoria de Lelut, cita os casos numerosos de hallucinações congestivas e unilateraes, terminando por estas palavras que perfilhamos: «Para todo o espirito desprevenido os factos indicados demonstram até á evidencia que a theoria psychica que faz da hallucinação uma sensação reproduzida, uma idéa que vem projectar-se fóra, é absolutamente insustentavel no estado actual dos nossos conhecimentos.» (1)

A theoria de Desaliauve differe em muito pouco da que acabamos de expôr. Estas duas hypotheses, identicas na essencia, que é para ambas a transformação regressiva da idéa em sensação, separam-se apenas n'um ponto. Ao passo que na transformação sensorial, Lelut faz intervir como causa a reminiscencia voluntaria e a imaginação, Desaliauve incumbem este papel a trabalhos pathologicos do cerebro, o que explica, segundo elle, o character pronunciadamente mechanico e authomatico das hallucinações. Esta ultima affirmacão parece-me inexacta no grao de generalidade que o auctor lhe dá. Se o authomatismo é um facto incontestavel nas hallucinações da loucura confirmada, não o é por vezes n'outros estados pathologicos do cerebro, onde a intervenção activa, voluntaria da memoria e da imaginação não pode, como vimos nos exemplos de Flaubert e Taine, ser de modo algum contestada.

Baillarger sem tentar a elaboracão d'uma theoria propria, crê no entanto poder affirmar que as hallucina-

(1) B. Ball, *Loc. cit.*, pg. 1035.

ções se produzem todas as vezes que se realice o concurso d'estas condições: 1.^a o exercicio involuntario da memoria e da imaginação; 2.^a a suspensão das impressões externas; 3.^a a excitação interna dosapparelhos sensoriaes.

Não nos parece que a observação clinica confirme a opinião do eminente alienista, se quizermos tomal-a n'um sentido absoluto. Pelo que respeita á primeira das condições que reputa indispensaveis á producção dos estados hallucinantes, creio ter demonstrado que ella, embora muito frequente, deixa de realisar-se n'um certo numero de casos: todos aquelles que Michea justamente designou pelo nome de *hallucinações voluntarias*. A segunda condição que Baillarger estabelece, tambem não a julgo indispensavel. Se muitas vezes as impressões que o hallucinado recebe do mundo exterior, bastam a fazelhe cessar o delirio sensorial, sendo portanto necessario para que este presista, a annullação de todas as excitações externas, não é menos certo que n'outros casos, aliás numerosos, taes sollicitações não impedem que o estado hallucinante, uma vez começado, continue, ou mesmo se determine inicialmente. Diz A. Motet: «Em certos doentes a intensidade do phenomeno hallucinatorio é tal que as impressões directas, por mais vivas e prolongadas que sejam, a custo podem fazel-o cessar um momento.» (1) Nós crêmo-nos auctorizados pela observação d'um facto notavel, a acrescentar que a hallucinação pode mesmo irromper no meio das mais fortes sollicitações exteriores. O doente que citamos a paginas 3 d'este

(1) Aug. Motet, *Loc. cit.*, pg. 190.

trabalho, offerecia-nos o exemplo d'um hallucinado em que o delirio sensorial se não desvanecia mesmo durante uma prolongada conversa de duas ou tres pessoas que lhe dirigiam a palavra. É isto tambem o que se dá, segundo informação de muitos medicos, nas hallucinações dos idiotas, dos imbecis e dos dementes. N'estes alienados, por effeito d'uma insufficiencia mental congenita ou adquirida, as impressões externas chegam ao cerebro d'um modo tão incaracteristico e tão pouco vivo que não podem, por energicas que ellas sejam no momento de se produzirem, apagar ou desvanecer as imagens interiores formadas sob a influencia de estados pathologicos. A terceira das condições expostas é a unica que, a meu vêr, se deve julgar indispensavel; porque, ou a impressão sensível parta primitivamente do cerebro ou parta dos apparatus periphericos, é sempre certo que uma excitação anormal directa ou indirecta dos centros de elaboração perceptiva, tem de realizar-se como condição sem a qual não pode conceber-se o delirio.

A. Garnier parece-nos ter proposto ácerca do delirio sensorial uma theoria mais acceitavel. Este auctor distingue no espirito humano em estado normal, dois factos muitas vezes confundidos: um, a *percepção*, pelo qual se conhecem os objectos exteriores; o outro, a *concepção*, por que representamos subjectivamente objectos ausentes ou imaginarios, sabendo que elles não teem existencia actual senão em nós. No estado hygido estes dois phenomenos conservam-se sempre perfeitamente distinctos para o nosso espirito; sob a influencia porém de condições pathologicas os dois factos confundem-se, e esta confusão é o que se chama estado hallucinatorio.

Até este ponto, áparte a nomenclatura que é diversa, a theoria de Garnier reproduz a de Lelut. As differenças porém, vão fazer-se sentir. Ao passo que este ultimo se limita a affirmar o facto da confusão dos estados perceptivo e conceptivo, Garnier vae mais longe, procurando determinar, ainda que d'um modo hypothetico, as condições morbidas em que tal confusão se realisa. Segundo Garnier, existiriam no cerebro duas regiões distinctas, uma destinada a presidir á percepção, outra á concepção. A excitação d'este ultimo districto cerebral transmittida ao primeiro, seria a condição organica do phenomeno pathologico hallucinante. Procurando reconhecer as circumstancias organo-dynamicas dos factos expostos, resumio o seu pensamento n'uma formula equivalente a esta: á *percepção* corresponde a impressão centripeta dos nervos; á *concepção* normal, a estimulação d'uma certa parte circumscripita do cerebro; ás *hallucinações*, a reacção centrifuga do cerebro sobre os nervos.

Como se vê, o auctor abalançava-se em 1855 á hypothese de duas localisações cerebraes, a da percepção e a da concepção. E, ainda que não podesse determinal-as, circumscrevel-as anatomo-physiologicamente, sahindo dos dominios da conjectura para os da experiencia, é certo que fez em psychiatria uma sugestão valiosa.

A esta theoria faremos no entanto um reparo. Expliando a maioria dos phenomenos da hallucinação, que indubitavelmente se ligam a concepções doentias, deixa no escuro alguns, todavia numerosos: todos aquelles que momentaneamente se produzem sem o concurso de preoccupações intellectuaes e como simples effeito d'uma irri-

gação sanguínea anormal do encephalo ou d'uma lesão anatomica dos órgãos sensoriaes.

Theorias somaticas

Attacando o problema d'um modo positivo pela investigação experimental e clinica, as theorias somaticas ou physiologicas procuram, como dissemos, determinar a pathogenia da hallucinação confrontando a psychicidade morbida que este facto revela com alterações organicas correlativas. Os sectarios d'estas theorias dividem-se naturalmente em dois grandes grupos. D'um lado estão aquelles que, á maneira de Sauvages e Darwin, fazem derivar os estados hallucinantes de lesões periphericas ou dos sentidos; do outro lado estão os que com Luys vão procurar a explicação do facto morbido nas alterações temporarias ou permanentes do apparelho cerebral.

Comprehende-se muito bem que as theorias descentralisantes que localisam a lesão somatica das hallucinações nos órgãos dos sentidos, fossem as mais bem recebidas n'uma epocha em que eram desconhecidos os centros perceptivos intracraneanos. Era natural que se ligassem as falsas apreciações sensoriaes aos órgãos de comunicação com o mundo exterior, não só porque um habito tradicional nos impulsiona irreflectidamente a referir todas as sensações morbidas aos órgãos por onde as suas representantes normaes costumam receber-se, senão porque observações conhecidas pareciam confirmar diariamente um tal modo de vêr. Sabia-se, por exemplo, que a compressão ou as lesões traumaticas do globo ocular originam a hallucinação rudimentar das

phosphenas, das moscas volantes, da ignição, etc. Factos analogos se produzem como consequencia das retinites, das alterações traumaticas ou inflammatorias do nervo acustico, dos nervos gustativos, olfativos e, ainda que mais raramente, de sensibilidade geral. O conhecimento da intervenção indiscutivel dos sentidos no phenomeno das illusões, muito tempo confundidas com os estados hallucinantes, confirmava ainda a espontanea adhesão dos espiritos á theoria que procura explicar estes ultimos factos pelas lesões sensoriaes.

Entre os modernos alienistas é Voisin o que mais importancia concede a uma tal explicação nosogenica, a que elle crê estar reservado um futuro na pathologia mental. Sem ser, como muitos outros, um exclusivo e intransigente sectario d'esta doutrina, o illustre medico da Salpêtrière procura todavia defendel-a, reservando-lhe um logar proeminente entre as theorias do delirio sensorial. É o que claramente exprimem as seguintes palavras: «A intervenção de lesões dos orgãos exteriores sensoriaes na genése de certas hallucinações e da loucura, é regeitada, ou pouco menos, pelos auctores e considerada até hoje a influencia da memoria e da imaginação como gosando um papel dominante. Sem pretender supprimir a influencia real e muitas vezes unica d'esta ultima causa em determinados casos, eu creio que não devemos exageral-a e que é preciso reservar uma certa parte á alteração dos orgãos exteriores dos sentidos.» (1)

(1) Aug. Voisin, *Leçons cliniques sur les maladies mentales*, pg. 68.

Em abono d'este modo de vêr, o celebre professor cita observações numerosas de Dumont, medico d'um hospicio de cegos, nas quaes estados hallucinatorios da vista coincidião manifestamente com lesões apreciaveis do globo occular. Na mesma ordem de idéas refere ainda observações proprias assim como de Bouisson e Guépin, nas quaes tambem hallucinações cessaram de manifestar-se pelo restabelecimento de órgãos sensoriaes lesados.

Estes factos tão bem observados e tão significativos, bastam para impossibilitar-nos de contestar o valôr da theoria descentralisante em muitos casos. Parece-nos, como a Voisin, que uma rejeição absoluta d'esta theoria, é perfeitamente inadmissivel em face das observações referidas; chegamos mesmo a lastimar que trabalhos espezias, aliás importantes como o de Ritti, deixem na sombra uma doutrina tão naturalmente fecunda para a therapeutica da loucura sensorial.

Quererá isto porém significar que lhe damos um valôr absoluto, que a admittimos na explicação de todos os estados hallucinantes? De modo nenhum; ha condições em que não pode invocar-se, casos onde não é possivel fazer-se intervir como factor pathogenico.

Como explicar, com effeito, por meio d'esta doutrina as hallucinações em que o mais rigoroso exame, muitas vezes repetido, não consegue descobrir uma só lesão anatomica dos órgãos sensoriaes? Como dar conta, inversamente, do facto tantas vezes observado de hallucinações visuaes ou auditivas em individuos onde uma autopsia vem revelar as mais profundas alterações da retina ou do nervo acustico, como a degeneração e a atrophia? Ninguem supporá n'este caso, que nervos sem vida sejam

capazes de provocar, segundo a phrase de Müller, uma reacção do *sensorium*. De resto, as objecções de Baillarger parecem-me definitivas. Faz notar este alienista que as lesões mechanicas e inflammatorias dos sentidos, originando os phenomenos conhecidos da ignição, dos circulos coloridos, dos assobios, dos zumbidos, etc, são todavia incapazes de produzir as formas vivas e complexas d'um corpo, as palavras seguidas e coordenadas d'um discurso ou as impressões tactis que precisam e determinam a forma d'um objecto, o que todavia se vê na generalidade dos casos, que o auctor denomina por isso «as verdadeiras hallucinações». Um outro facto inexplicavel segundo as theorias de Müller e Sauvages, é o das relações systematicas entre as hallucinações de sentidos diferentes. «Um alienado, escreve Baillarger, vê o diabo e, ao mesmo tempo, ouve-lhe a voz e sente o cheiro do enxofre. Como conceber que os nervos opticos, acusticos e olfativo, isoladamente excitados, tenham despertado no encephalo sensações tão estreitamente relacionadas?» (1) Sabe-se egualmente, e não se explica pela theoria em questão, que as hallucinações reflectem as idéas dominantes, as preoccupações mentaes do alienado. «Assim, acrescenta ainda o mesmo pathologista, ellas annunciam desgraças ao melancolico e promettem felicidade e honras ao mégalomaniaco.» (2)

Todas estas objecções justissimas á theoria descentralisante, sem poderem fazer esquecer os factos positi-

(1) Baillarger, *Obr. cit.* pg. 466.

(2) *Ibidem.*

vos sobre que ella assenta, retiram-lhe no entanto o valor geral e absoluto que alguns auctores teem tentado conferir-lhe.

Ao lado da theoria que acabamos de examinar, inscreve-se nos livros de pathologia mental uma outra, mais moderna, mais geral e mais importante sob o ponto de vista do seu alcance psyc-physiologico: a theoria de Luys, admittida sem restricções na monographia de Ritti.

Para darmos uma idéa completa d'esta theoria, segundo a qual as hallucinações estariam sob a dependencia dos thalamos opticos, devemos principiar pelo estudo anatomo-physiologico d'estes ganglios encephalicos ou *sensorium commum*. É o que vamos tentar.

Os thalamos opticos são, anatomicamente considerados, dois ovoides de côr avermelhada que occupam precisamente o centro de cada hemispherio cerebral. Concorrem na sua formação hystologica uma serie de quatro pequenos nucleos isolados de substancia cinzenta, situados uns após outros na direcção antero-posterior e duas fachas de substancia acinzentada em continuidade intima de tecido com as redes de substancia cinzenta medullar.

Os nucleos designam-se, attenta a sua situação anatomica, pelos nomes de *anterior*, *medio*, *mediano de Luys* e *posterior*. «Verifica-se, escreve Luys, que estes pequenos nucleos formam circumscripções muito claramente isoladas de substancia cinzenta constituida por plexos de cellulas anastomosadas e—que são em rigor

verdadeiros centros independentes, regularmente juxtapostos e communicando cada um de per si com grupos especiaes de fibras nervosas afferentes.» (1) As relações particulares estabelecidas entre cada um d'estes centros e os nervos de sensibilidade especial, fez com que Luys os considere «pequenos focos de concentração isolados e independentes para as diversas cathegorias de impressões sensoriaes que veem repartir-se na sua substancia.» (2) Para estes centros nucleares convergem innumeraveis fibras irradiando em leque da camada cortical do cerebro.

As fachas acinzentadas são, como foi dito, uma continuação hystologica da substancia cinzenta da medulla. Forram as faces internas do 3.º ventriculo e offerecem no seu precurso intumescencias em relação directa com os pontos de immergencia das fibras nervosas que se implantam na sua massa. Estas intumescencias são: o *tuber cinereum* para as fibras opticas, os *tuberculos mammillares* e a *glandula pineal* para as fibras connectivas que emanam dos centros anteriores. Estas fachas que constituem a *substancia cinzenta central* do thalamo, recebem ainda «um contingente de fibrillas cinzentas ascendentes, verdadeiras representantes das fibras centripetas espinhaes que veem distribuir-se a estas rodes.» (3) Ora, attentas as ligações hoje perfeitamente demonstradas entre o grande sympathico e a medulla espinhal, os thalamos opticos (notemos bem este facto) encontram-se pela

(1) Luys, *Le cerveau et ses fonctions*, pg. 28.

(2) Luys, *Obr. cit.* pg. 29.

(3) Luys, *Obr. cit.* pg. 32.

sua substancia central em relação com as impressões, ainda as mais longinquas e obscuras, da vida nutritiva. Um outro facto, muito digno de attenção, é que as fibras brancas cerebraes irradiando das circumvoluções, nem todas vão perder-se aos pequenos centros do thalamo: muitas d'ellas alongam-se até ás redes da substancia cinzenta central do mesmo ganglio.

Traçado este rapido esboço de anatomia, cujos desenvolvimentos podem estudar-se na *Iconographia dos centros nervosos* de Luys, entremos na physiologia dos thalamos opticos, d'onde, á maneira de Ant. Ritti, procuraremos deduzir a mais notavel theoria pathogenica das hallucinações. Examinaremos separadamente a physiologia dos nucleos e das fachas opticas ou substancia cinzenta central dos thalamos.

I. PHYSIOLOGIA DOS NUCLEOS. Segundo Luys, o neurologista a quem de preferencia nos soccorremos n'este estudo, os centros ou nucleos do thalamo optico representam o papel dynamico seguinte: o anterior preside á *olfacção*, o medio á *visão*, o mediano á *sensibilidade tactil geral* e o posterior á *audição*.

Conspiram na confirmação d'esta doutrina provas biologicas de toda a ordem, que successivamente iremos examinando.

Provas deduzidas da anatomia humana. Se o exame anatomico d'um orgão pode fazer-nos prevêr alguma vez o papel dynamico que lhe incumbe, em caso nenhum a previsão, assim fundamentada, offerecerá garantias de segurança e rigor tão completas, como no caso dos centros nucleares do thalamo optico.

Independentemente de toda a experimentação phy-

siologica, devemos considerar o nucleo anterior como olfativo, porque a anatomia demonstra que recebe a *tænia* e é, elle proprio, o prolongamento mediato das fibras radicaes do nervo olfativo. Á priori tambem, o nucleo medio deve reputar-se um centro optico, porque a analyse hystologica prova que elle recebe fibras emanadas dos *corpos geniculados* e dos *tuberculos quadrigemeos*, evidentemente affectos á visão. O mediano, em continuidade manifesta com a *substancia central activa da medulla*, do *bolbo*, da *protuberancia* e dos *pedunculos cerebraes* deve prevêr-se que estará affecto á sensibilidade geral. O posterior emfim, será um centro acustico, porque recebe emanações fibrillares d'este nervo.

Provas deduzidas da anatomia comparada. As provas precedentes que de modo nenhum poderiam, isoladamente, considerar-se definitivas, vem até certo ponto trazer uma confirmação notavel o mais valioso de todos os processos d'investigação em biologia, o processo comparativo.

É assim que confrontando os thalamos opticos nas diferentes especies animaes, se reconhece o maior desenvolvimento do nucleo anterior precisamente n'aquellas em que os nervos olfativos são mais desenvolvidos e a função que lhes corresponde mais perfeita e completa. O centro medio, notavelmente desenvolvido nos animaes de longa vista, como as aves de prêza, encontra-se rudimentar e atrophiado nos crepusculares e noctivagos, como a toupeira, onde, pelo contrario, o centro anterior forma, segundo Ritti a quasi totalidade do thalamo.

Um facto muito curioso, egualmente revelado pela

anatomia comparada, é que no encephalo dos peixes, animaes em que as impressões dos sentidos são muito pouco accentuadas, os thalamos opticos acham-se reduzidos a um estado rudimentar, occupando um espaço diminuto.

Provas deduzidas da physiologia experimental. A difficuldade superior da experimentação exercida em orgãos tão delicados e complexos como os do encephalo, vivamente posta em relevo na discussão moderna das localisações cerebraes, deu margem ás mais estranhas dissidencias sobre a theoria physiologica de Luys. Nothnagel, ⁽¹⁾ por exemplo, affirmou que a destruição dos thalamos opticos não importa anesthesia. Serres e Loustau professaram que os thalamos presidem aos movimentos voluntarios dos membros thoracicos, contra a opinião expressa de Fournié e Ferrier, segundo os quaes a excitação d'estes ganglios não produziria um só phenomeno motôr. Magendie, fundado sobre numerosas experiencias suas, attribuiu aos thalamos opticos propriedades sensiveis. Longet porém, e mais tarde Vulpian e Schiff, baseando-se em experiencias proprias e de Flourens, contradictaram esta opinião, sustentando que a sensibilidade dos thalamos opticos é de emprestimo e devida simplesmente á passagem n'elles das fibras superiores dos pedunculos cerebraes. Vulpian escreve estas palavras terminantes: «As lesões experimentaes dos thalamos opticos não diminuem a sensibilidade, que pode subsistir mesmo depois da ablação d'estes ganglios. Por

(1) Citado por Poincaré in *Leçons sur la physiologie normale et pathologique du système nerveux*, vol. II nota á pg. 197.

outro lado ainda as alterações pathologicas de taes orgãos parece não terem tambem influencia especial sobre a sensibilidade.» (1)

A situação mediana e profunda dos thalamos opticos tornando-os muito difficilmente accessiveis d'um modo exclusivo aos meios experimentaes, por um lado, e as relações intimas que os ligam aos corpos estriados, orgãos de movimento seus tributarios, por outro, explicam-nos sufficientemente a discordancia profunda dos auctores na tentativa de precisar a funcção dinamica que lhes compete.

No entanto as experiencias habilmente instituidas de Fournié, parece-nos terem decidido a questão n'um sentido favoravel ás opiniões de Luys. Estas experiencias consistiram essencialmente em destruir por meio de injecções causticas feitas com a seringa de Pravaz pontos circumscriptos e perfeitamente limitados dos thalamos opticos em animaes de especies zoologicas que mais se approximam da nossa. O resultado summario d'estas experiencias, que não importa descrever, resume-se dizendo—que á destruição de cada centro isolado correspondeu inalteravelmente a perda de sensibilidade especial que Luys lhes attribue e que nós mencionamos. Á destruição integral e completa dos thalamos vio tambem Fournié succeder sempre a paralysação definitiva do sentimento.

Provas deduzidas de anatomia pathologica.—São estas junctamente com as deduzidas da anatomia compa-

(1) Vulpian, *Leçons sur la physiologie générale et comparée du système nerveux*, pg. 657.

rada, as provas que reputamos incontestaveis e decisivas na defeza da theoria physiologica de Luys. Às provas que a anatomia normal fornece, tem-se opposto a objecção de que o exame hystologico foi ou mal feito ou feito no intuito de fundamentar uma theoria dynamica presupposta; ácerca das provas deduzidas da physiologia experimental tem-se dito que o seu valor é contestavel se nos lembramos da difficuldade, realmente grande e por nós notada, de circumscrever d'um modo rigoroso a região ganglionar sobre que deve exercer-se o processo experimental escolhido. As provas porém que nos offerecem a anatomia comparada e a anatomia pathologica, estão evidentemente a coberto d'estas objecções; tem o valor indiscutivel de uma demonstração. E se a anatomia comparada nos offereceu recursos, ainda que preciosos, limitadissimos, a anatomia pathologica, muito mais explorada pelos alienistas, colloca-nos em posse de observações numerosas, comprovativas da theoria em questão. Recordaremos algumas, colleccionadas no livro de Poincaré.

Hunter cita um caso muito curioso de observação propria: o de uma rapariga que no espaço de tres annos perdeu successivamente o olfato, o ouvido e a sensibilidade geral. A autopsia verificou a destruição completa dos thalamos opticos de cada hemispherio, e só d'elles, pela invasão d'um fungus hematoide.

Voisin communica a Luys tres observações nas quaes notou a abolição unilateral do olfato, coincidindo com a degenerescencia dos centros anteriores.

Luys refere dois casos da perda de sensibilidade d'um dos lados do corpo, coincidindo com a destruição

*

isolada do centro mediano do lado opposto; refere igualmente que a observação necroscopica de dois cerebros de surdos-mudos lhe revelou lesão dos centros posteriores, n'um dos casos, e degeneração amyloide dos mesmos centros, no outro.

Serres, Cruveilhier, Lallemand, Ball, Lancereaux, Marcé, Faton e Garnier, todos estes pathologistas, alguns dos quaes, notemos, sustentam a função motora dos thalamos opticos, mencionam casos por elles observados de perda ou diminuição da vista relacionados com lesões d'estes orgãos consistindo ora em focos apopleiticos, degenerescencias ou tumores compressivos, ora em amollecimentos, abcessos, indurações ou affecções syphiliticas e tuberculosas.

Bright descreve um caso de surdez intercadente, que elle não pode explicar senão recorrendo a congestões periodicas dos centros posteriores dos thalamos.

Chaillou, Potain, Andral e Maisonneuve relatam emfim, casos de anesthesia completa ou hemianesthesia subordinados á destruição d'um dos thalamos opticos ou dos dois.

Taes são os factos bem averiguados e nitidamente descriptos pelos observadores. Fundado n'elles, Poincaré pôde dizer: «É nos thalamos opticos que as imagens se produzem, que os objectos são photographados, que as vibrações sonoras se transformam em sons, que os effluvios dos corpos odorantes se transmutam em cheiros, que os abalos, emfim, do contacto directo se tornam para a consciencia uma impressão de tacto.» (1)

(1) Poincaré, *Obr. cit.*, Vol. II, pg. 196.

II. PHYSIOLOGIA DAS FACHAS OPTICAS. Para determinar o papel dynamico das fachas ou substancia central cinzenta dos thalamos opticos, não possuímos os documentos numerosos de que podémos dispor discutindo a physiologia dos centros nucleares d'estes ganglios. Escasseiam-nos os resultados experimentaes e as observações anatomo-pathologicas. Fundados porém nos dados da anatomia normal e na auctoridade de Schiff, segundo o qual nervos vasculares do figado e do estomago iriam distribuir-se n'esta região dos thalamos opticos (1), somos conduzidos a crêr que as fachas ou substancia central dos ganglios posteriores do cerebro, são destinadas a receber e condensar todas as impressões sensiveis emanadas da vida vegetativa.

Com effeito, as fachas opticas encontram-se relacionadas indirectamente com a innervação sympathica por intermedio de fibras ascendentes e centripetas da medulla espinhal e talvez ainda directamente pelos nervos que, segundo Schiff e seus discipulos, iriam perder-se na sua massa. Explicar-se-hia por estas connexões anatomicas o facto conhecido da influencia intima dos estados visceraes sobre o caracter e a mentalidade individual. Compreender-se-hia assim como um estado pathologico do figado, do estomago ou dos intestinos ecoa no cerebro tornando-nos melancolicos, irritaveis, hostis; tornar-se-hia claro o motivo por que estados morbidos dos orgãos de geração conduzem ás hallucinações e á

(1) Vid. Luys, *Études de physiologie et de pathologie cérébrales*, nota á pg. 49.

loucura erotica; ficaria evidente a razão por que o onanismo e os excessos venereos implicam a amnésia e muitas vezes a demencia; enfim entrariamos na posse d'um processo scientifico para a explicação das influencias que o physico exerce sobre o moral ou, mais propriamente, que exercem os estados visceraes sobre os encephalicos.

Mais ainda. As fachas opticas, como deixamos dito, communicam com a substancia cortical dos hemispherios por meio de fibras conductoras. Este facto anatomico dar-nos-hia, admittida a funcção sensitiva das fachas, um meio natural de explicar as acções dos estados emocionaes e intellectuaes sobre a vida vegetativa. Ficariamos sabendo assim porque uma preocupação mental, um sentimento forte ou uma simples imagem produzem sobre a vida nutritiva do individuo uma influencia por vezes capital; dar-se-hia conta dos factos numerosos de perversões funcionaes do estomago determinadas por sentimentos; explicar-se-hia o aphrodisismo ou anaphrodisismo produzido pela emotividade ou simplesmente por imagens chimericas e recordações eroticas; comprehender-se-hiam as hyperemias hepaticas e pulmonares excitadas pelas paixões deprimentes; enfim, teriamos um meio scientifico de explicar a influencia do moral sobre o physico ou, melhor, dos estados cerebraes sobre a vida vegetativa.

As relações reciprocas tão intimas e tão evidentes estabelecidas entre a vida elementar de nutrição e a vida superior da intelligencia e do sentimento, relações de perfeita solidariedade que nos conduzem hoje á condemnação definitiva do classico dualismo psicologico, encontram-se todas scientificamente explicadas se, de-

pois de termos admittido por demonstração as funcções sensoriaes dos nucleos, accetarmos tambem o papel sensitivo das fachas opticas.

Tal é a theoria physiologica da percepção, que Luya resumio n'estas palavras: «É pelas redes dos thalamos opticos que passam os abalos de todas as especies, tanto os que são irradiados do mundo exterior como aquelles que emergem da vida vegetativa.» (1)

Estabelecida a theoria normal das percepções, é facil deduzir o machinismo da hallucinação, facto morbido da mesma natureza.

Nos casos physiologicos para que a percepção tenha logar é indispensavel que uma impressão exterior, puro movimento, se concentre e modifique nos thalamos opticos, d'onde, vitalisada sob a forma de sensação, irá idealisar-se e tornar-se consciente na massa cortical do cerebro, ultimo estadio da primitiva sollicitação centripeta. Assim, o *substractum organico* interessado no phenomeno compõe-se d'um conductor afferente (nervo sensivel), d'um centro vital de elaboração transmutativa (thalamo optico) e de cellulas de ideação destinadas a tornar consciente um abalo que primitivamente foi uma simples agitação mechanica de massas (região cortical). O *processo dinamico* realisado consiste essencialmente n'uma transformação biologica de forças.

Se todos os órgãos que pela sua solidariedade hystologica constituem o que podemos chamar rigorosamente

(1) Luys, *Le Cerveau*, pg. 35.

apparelho sensorial, se encontram em condições hygidas, os factos occorrem pela maneira descripta. Quando porém uma circumstancia morbida se realisa em qualquer d'elles, comprehende-se que uma alteração no processo evolutivo seja a consequencia necessaria. Assim, se por uma causa, não importa qual, é despertada a actividade dos thalamos opticos, principia a vida authomatica d'estes centros a manifestar-se pelo modo que lhê é proprio, isto é pela formação mais ou menos energica e continuada de sensações; estas, encontrando nas fibras brancas que ligam os thalamos ao cortex do cerebro uma passagem franca para a sua irradiação terminal, são exportadas para a região idealisante, onde uma força metabolica superior as transforma no phenomeno definitivo e ultimo de percepção. Ora, como por uma educação lenta operada no individuo e na especie, fazemos habitualmente corresponder á solidariedade organo-physiologica do apparelho sensorial uma solidariedade psychica, como referimos sempre d'um modo irreflectido os phenomenos internos ou centraes ás regiões periphericas d'onde a sua sollicitação costuma partir nos casos normaes, as percepções recebidas são por nós naturalmente objectivadas. D'aqui as hallucinações que não são realmente mais que a *exteriorisação de estados perceptivos*, determinada por uma habitual tendencia espontanea do nosso espirito. Assim, actividade authomatica dos thalamos opticos, determinada por qualquer das condições estudadas no segundo capitulo, irradiação d'esta actividade anormal para as regiões de ideação, elaboração metabolica n'este ponto das sensações chimericas e, por ultimo, tendencia habitual a tornar excentricas ou obje-

ctivas todas as impressões conscientes, taes são os factores que, na opinião de Luys e de Ritti, explicam inteiramente o phenomeno pathologico das hallucinações.

Esta theoria, dissemos, é a mais geral e importante de quantas procuram dar conta do phenomeno pathologico em questão. E com effeito, ha um grande numero de circumstancias habitualmente inherentes aos estados hallucinatorios, que ella explica, o que a theoria somatica descentralisante e as theorias psychicas não podem fazer, como vamos provar.

É geralmente sabido, e fizemol-o notar, que as hallucinações persistem nos alienados mesmo em casos de destruição completa dos nervos sensoriaes. Hallucinações auditivas e visuaes teem sido observadas em surdos e cegos nos quaes autopsias demonstraram umas vezes a atrophia evidente dos nervos opticos e acusticos, outras vezes mesmo a sua degeneração amyloide. (1) O mesmo facto de persistencia hallucinatoria se tem visto em casos de destruição dos órgãos exteriores dos sentidos. Como explicar estes casos tão vulgares, com a theoria que faz dos órgãos sensoriaes o ponto de partida forçado de todas as sollicitações morbidas hallucinantes? Destruídos os órgãos externos dos sentidos, destruídos os nervos conductores das impressões, a hallucinação

(1) Temos visto um maniaco de 47 annos, completamente cego desde a idade dos 18, com hallucinações predominantes da vista a contar de 1870. Um periodo de 29 annos de absoluta cegueira, leva-nos a admittir como provavel uma atrophia dos nervos opticos.

deixaria de ser possível na theoria somatica de Darwin e Sauvages. Não acontece o mesmo na theoria physiologica de Luys; dada a integridade dos thalamos opticos, pouco importa a ausencia anatomica ou funcional do aparelho peripherico, porque existe o centro capaz de crear authomaticamente as sensações hallucinantes.

Um outro facto deante do qual se encontram singularmente embaraçados todos os alienistas que adoptam as theorias psycho-espiritualistas, é o da unilateralidade d'algumas hallucinações da vista, do ouvido e do tacto. A explicação d'este phenomeno é, pelo contrario, mais um triumpho para a theoria de Luys.

Comprehende-se com effeito, que um só dos thalamos opticos esteja lesado, conservando-se o outro perfeitamente normal; a solidariedade organo-dynamica do cerebro não vae (sabemol-o pela observação dos estados paralyticos e anesthésicos) até ao ponto de tornar impossiveis as doenças d'um só dos hemispherios ou mesmo, segundo trabalhos recentes de Luys, a sua descoordenação.

Mais ainda. São numerosos e vulgarissimos os casos chamados por uns *hallucinações seguidas* e por Taine *hallucinações progressivas*, consistindo na conjuncção morbida de muitos estados hallucinatorios oriundos de sentidos differentes e coordenando-se n'um delirio systematico e coherente. Na mania das perseguições, por exemplo, o nevropatha principia n'um grande numero de vezes por *ouvir* vozes insultantes, depois *sente* que o ferem, que lhe fazem applicações electricas, que o deslocam, mais tarde *vê* inimigos e *percebe o cheiro* toxico dos alimentos. Outras vezes os factos de hallucinação não

seguem esta marcha, produzem-se em ordem inversa ou mesmo simultaneamente, mas sempre relacionando-se e systematisando-se d'um modo logico n'um ponto de vista aberrante. Ás palavras hostis que o perseguido ouve, correspondem physionomias repellentes que elle vê, cheiros e sabores nauseantes que sente; para o extatico que se dilicia ouvindo córos d'anjos, as visões são formosas, dulcificadoras, os sabores e os cheiros inebriantes, a cé-nesthesia inefavel; para o mégalomaniaco, ás promessas de gloria que escuta, correspondem agradavelmente visões de personagens irreprehensíveis no porte e nos vestidos. Esta coordenação de hallucinações distinctas n'um mesmo plano, esta relação de percepções morbidas sob o criterio da mesma concepção delirante, não podem ser explicados pela theoria que admite a subordinação dos estados hallucinatorios a lesões periphericas; pelo contrario Baillarger, segundo vimos, serviu-se d'estes casos como de objecção á theoria referida.

Ritti, o vigoroso defensor das doutrinas de Luys, pretende que o phenomeno se explica satisfactoriamente na theoria do grande pathologista, pela repercussão d'um mesmo estado morbido nas redes da região ganglionar. Comprehende-se com effeito que um processo pathologico de marcha progressiva, como os tumores neoplasicos, principiando n'um ponto qualquer dos thalamos, vá successivamente invadindo d'um modo lento ou rapido toda a substancia do ganglio, determinando assim a apparição crescente dos estados hallucinatorios; pode acontecer tambem que o processo morbido domine desde o começo, como as congestões e algumas phlegmasias, todo o thalamo, o que explica a irrupção brusca de hallucina-

ções simultaneas; pode dar-se enfim, o phenomeno d'um processo localisado ao mesmo tempo em pontos diversos e distantes dos ganglios opticos, nucleos e fachas, o que dá conta do advento concorrente d'um numero multiplo de hallucinações sensoriaes e affectivas no mesmo individuo. No entanto, tudo isto me parece insufficiente para explicar a relação logica dos estados hallucinantes; para o fazer d'um modo rigoroso é preciso entrar, como adeante veremos, com factores d'outra natureza.

Como comprovação enfim d'esta theoria, a sciencia archiva desde já 32 casos favoraveis. Esta cifra parece-me importante, attendendo ao grande numero de autopsias, que necessariamente devem ser negativas quando o processo morbido productur da hallucinação tenha sido transitorio, como as congestões activas dos ganglios determinadas por um excesso de trabalho mental. N'estes casos, que são muitos, e em todos os analogos é impossivel encontrar no cadaver vestigios ou revelações quaesquer anatomo-pathologicas d'um processo, que não chegou a adquirir direitos de posse nos órgãos especiaes.

Expostas todas as theorias pathogenicas da hallucinação, vejamos o seu valor.

As theorias psicologicas foram já discutidas; não insistiremos pois em demonstrar a sua pouca validade. As theorias somaticas porém, apresentando-se com o character scientifico de doutrinas baseadas em factos de experiencia, reclamam a nossa attenção e impõem-nos o dever d'um exame.

Digamol-o desde já: não nos crêmos auctorisados á

adopção exclusiva de qualquer das explicações nosogénicas que os alienistas nos propõem. E não é que nos queiramos collocar no campo conciliador d'um ecletismo cheio de timidez e de concessões; é que não podemos realmente admittir, *mao grado* as auctoridades de Darwin e Luys, uma pathogenia unica para um phenomeno a que os factos demonstram andar ligadas lesões anatomicas de séde diversa e a que as leis physiologicas nos permittem attribuir uma pluralidade de explicações, variaveis segundo os casos concretos, mas todas egualmente racionaes.

Com effeito, como negar a exactidão da theoria que temos chamado descentralisante, quando a observação nos revela factos incontestaveis de hallucinações produzidas exclusivamente por affecções dos orgãos dos sentidos? Tomaremos o expediente de Baillarger que as expulsa do campo das «hallucinações verdadeiras»? A simplicidade d'algumas d'estas perturbações não implica, a meu vêr, a sua exclusão do dominio das hallucinações; chamemos-lhes «elementares» como faz Ball, mas concordemos em que a sua natureza de *percepções sem objecto percebido* reclama para ellas o nome consagrado de hallucinações. Daremos á theoria em questão um valor absoluto? Demonstramos já que é impossivel.

Acceitaremos sem restricções a theoria somatica de Luys?

Tal como se encontra exposta e defendida na monographia de Ritti, não podemos legitimamente fazel-o. Esta theoria implica a admissão de que em todas as hallucinações a perturbação pathogenica procede inicialmente dos thalamos opticos, o que crêmos inexacto. Pa-

rece-nos que a modalidade organo-dynamica geradora dos estados hallucinantes, embora vá repercutir-se sempre e sob a forma constante de alteração circulatoria nos thalamos opticos, procede umas vezes d'estes ganglios, outras vezes dos orgãos exteriores dos sentidos ou dos nervos que lhes correspondem, outras, emfim, da região cortical dos hemispherios. A procedencia ganglionar e sensorial das lesões é um facto incontestavel sobre que se baseam todas as theorias somaticas; importa porém mostrar que em muitos casos a procedencia cortico-cerebral é egualmente admissivel e provavel.

Supponhamos com effeito, uma alteração morbida qualquer localisada nas cellulas cerebraes que presidem á ideação. Esta alteração, que produz uma das innumeraveis formas de loucura, não pode conservar-se limitada á região primitiva. Existindo entre as cellulas affectadas e os thalamos opticos relações anatomicas estabelecidas por fibras brancas conductoras, não ha razão nenhuma para suppôr que o estado pathologico deixe de reflectir-se no *sensorium commum*. Pelo contrario, não só a extrema facilidade com que vemos realisar-se no encephalo a transmissão dos abalos nervosos, nos leva a crêr á priori na irradiação descendente da perturbação cerebral para os ganglios, senão que os factos de loucura principiando por simples delirio, phenomeno d'ordem puramente intellectual, e terminando pelas hallucinações, parece darem á nossa conjectura a maxima probabilidade. É tambem esta a opinião de Ball quando escreve: «Se as partes menos nobres do systema nervoso (cordões afferentes e centros opticos) são capazes de produzir hallucinações, com mais forte razão as cellulas cerebraes, os orgãos

mais elevados da intelligencia, devem gosar dos mesmos direitos.» (1) Assim ao lado das *hallucinações sensoriaes*, onde se acham interessados morbidamente só os órgãos externos dos sentidos ou os thalamos opticos, somos forçados a admittir uma outra classe, a das *hallucinações psycosensoriaes*, onde se acham primitivamente affectadas as cellulas da região cortical do cerebro, que trabalham sob a influencia do estado morbido. D'este modo, e só d'elle, se podem explicar as hallucinações voluntarias, as quaes, posto que menos vulgares, porque o authomatismo predomina sempre na psychicidade morbida, nem por isso deixam de realisar-se em alguns casos, como provamos. D'este modo, e só d'elle, pode explicar-se tambem o desapparecimento das hallucinações por simples therapeutica moral; os recursos persuasivos, dirigindo-se exclusivamente ao cerebro pensante, só podem produzir a terminação dos estados hallucinatorios se as lesões funcionaes que os determinaram, se acharem localisadas nas regiões superiores da ideação.

Uma ultima observação. Não me parece que se explique bem o phenomeno da coordenação systematica das hallucinações, exclusivamente pelos dados que a theoria de Luys fornece. Admittindo mesmo com Ritti, a propagação d'um processo morbido atravez dos centros opticos, a relação profundamente logica dos estados hallucinatorios em alguns casos não pode explicar-se sem o concurso activo, authomatico ou voluntario, das cellulas corticaes. Não pode crêr-se que um acaso inexplicavel expor-te dos thalamos opticos as sensações

(1) B. Ball, *Loc. cit.*

visuaes, auditivas, tactis, olfativas e do gosto já relacionadas e que o cerebro represente o simples papel de receptor. Pelo contrario, a sua relação deve depender essencialmente da interpretação que lhes é dada pela intelligencia; são as cellulas cerebraes que morbidamente orientadas pela hereditariedade, como dissemos fallando da etiologia, dão ás sensações emanadas dos ganglios posteriores a interpretação viciosa e a relação systematica que caracterisam o delirio e a loucura. É nas cellulas onde, segundo a phrase de Luys, as sensações se *espiritualisam*, que a interpretação aberrante tem logar fazendo das hallucinações, em casos taes, um symptoma de alienação mental; são estas cellulas as que relacionam as hallucinações fazendo com que ellas, para repetir o dizer justo de Baillarger, «annunciem desgraças ao melancolico e promettam fortuna e honras ao mégalomaniaco».

Em resumo: as hallucinações são *estados perceptivos não correspondentes á realidade*; a sua produção, dependente sempre d'uma hyperstesia inicial ou secundaria dos thalamos opticos, tem no entanto uma explicação que varia segundo a séde da lesão causal, que pode ser qualquer ponto do substractum organico empenhado na percepção, desde os órgãos exteriores dos sentidos até á região cortical do cerebro.

PROPOSIÇÕES

Anatomia—Os thalamos opticos são hystologicamente os representantes da zona cellular posterior da medulla.

Physiologia—O cerebro é, como a medulla, um aparelho excito-motor.

Pathologia interna—As hallucinações são estados pathologicos que nem sempre podem considerar-se symptomas de loucura.

Pathologia externa—As lesões dos sentidos são muitas vezes as causas determinantes do delirio sensorial.

Anatomia pathologica—As hallucinações são compatíveis com a atrophia parcial ou total dos nervos sensoriaes.

Materia medica—O haschich e o opio não devem empregar-se no tratamento da hallucinação.

Pathologia geral—Ao processo morbido febril, desde que elle attinge certos limites de intensidade, anda ligada a hallucinação como symptoma cerebral.

Medecina operatoria—A alienação mental não contraindica as operações da grande cirurgia.

Partos—O infanticidio é muitas vezes uma consequencia da loucura puerperal.

Medecina legal—Em alguns casos, as hallucinações são motivo para subtrahir um criminoso á influencia da penalidade.

Vista.

Dr. J. Carlos.

Póde imprimir-se.

O CONSELHEIRO DIRECTOR,

Costa Leite.